

Off. Redacção da Lusitana
Ris de Janeiro



ANNO I.

THERESINA 20 DE AGOSTO DE 1883.

NUMERO 1.

PROMETHEU

ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDACTOR — THAUMATURGO VAZ.

Publica-se 2 vezes por mez

Assigna-se a 400 rs. mensaes.



PROMETHEU.

Theresina, 19 de Agosto de 1883.

Em substituição a «Bala» eis o «Prometheu».

E' tão forte quanto ella.

Se mudemos o nome do nosso li-
dador a razão está a vista de todos.

Não apropriava-se a escriptos se-
rios, pois encerrava em si uma ideia
de critica, — o que era de encontro
as nosso programma.

O «Prometheu» é o seu successor
favorito.

O companheiro ousado dos Tita-
nides de certo nos levará á Canaan
do progresso.

Debaixo d'um céu estrellado e
diaphano, — o pai de Deucalião creará
novas forças e irá buscar o fogo sa-
grado da sciencia para reanimar sua
divina creatura: o genio!

Se encontrar outro Jupiter que
não consinta que elle restitua aos
homens o que lhes pertence, — não
esmorecerá, tentará de novo até que
a palma viridente dos seus sonhos
lhe seja concedida!

Se apparecer outra Debora — o fi-
lho de Japeto e de Clymena não ou-
virá suas tentações.

Se um inexperiente Epimethen re-
ceber a fatal caixa, conductora de to-
dos os males, — o novo «Prometheu»
a arrehatará de suas mãos e a im-
pellirá para os abysmos da infamia.
Não se curvará ante o poder da
traição, porque elle é nada ante a
razão!

Se, finalmente, o perseguido «Pro-
methen», em castigo de sua audacia
e intrepidez for ligado sobre o can-
casso da decadencia e um abutre a
ignorancia lhe roer constantemente
o figado, — como o Promethen das
antigas lendas seu figado renascera
até que appareça um Hercules que
o livre deste supplicio; e, assim, con-
seguirá os seus fins.

— Incolas do adiantamento — o vos-
so apoio ao «Prometheu».

LITTERATURA.

No cemiterio.

(DIVAGAÇÕES)

A' Alvara Pereira.

A noite vai em meio. . . .

A lua já pende esmorecida deixan-
do uns reflexos suaves e frouxos que

se derramão docemente sobre a terra.

As anras bemfazejas fazem tremer as petalas humidas dos esguios cyprestres.

Tudo é tetrico.

Uma folha se aptando; a brisa no seu perpassar somnolento, fazendo murmúrios melancolicos que se ameiçãõ a proporção que beija uma ou outra rosa; a pallidez funerea da lua que se esposa maravilhosamente com a pallidez marmorea das tumbas, a harmonia esplendorosa que alinda ligeiramente o rouxinol com o piar monotonico do mocho solitario. tudo, tudo nos conduz a um mundo phantastico e ignoto !

Aqui, uma rosa se esfolha meigamente e suas petalas ainda fulgidas se quedam langorosas, confundindo-se com o orvalho que as acaricia pela ultima vez. A sua cor rorida se langue... um pallor fugitivo assona em seus labios prostitutos ao contacto impuro da borboleta seductora...

Ja não vive.

Alli, o perfume florido da brisa se une ao aroma inebriante das florinhas silvestres.

Alem, um cão ladra, um mocho pia, um fogo crepita, a lua desmaia, um cypreste se balouça no galho...

...

É meia noite. Estamos no cemiterio. A capella se ergue mortuaria pela penumbra dos horisontes.

Nas cristas do monte vizinho uma cinta azulada parece abraçar uma

palmeira que se destaca como por encanto.

—E' um quadro esplendido.

Na parte exterior do edificio mysterioso vê-se uma cruz enlaçada com uma toalha.

—E' o emblema do martyrio.

Entremos. Abramos esta porta cujos gozcos enferrujados, ao se separar, parecem com o tinar de cadeiras.

O aspecto é tristonho.

A multidão dos tumulos recorda uma cidade em ruinas. As ruinas jamais se acabarão: são sempre sublimes.

As catacumbas, em desmoronamento, nos levão aos tempos da antiga Grecia.

A sombra dos guerreiros do passado preside esta scena nocturna; a sombra dos pensadores bodiernos se mostra com mil irradiações !

Alem—vagueia a lua...

Um padre moço, de feições cada-vericas, encaminha-se taciturno para a capella.

A vóz popular diz ser o parochio da cidade.

Superstição, — mas, no emtanto, respeitemos a crença.

O povo é sempre grande.

Ajoelho-me...

Naquelle instante um indeciso raio da pallida plebe se derramava na frente de phantasma...

O ministro de Deus, erguen olhos piedosos aos céos. Seus joelhos curvarão-se...

Ouvi um gemido surdo e depois soluços pungentes se misturavão com o canto funebre da coruja...

O padre chorava...

...

Os esplendrosos raios do astro
matutino despertarão-me de minhas
divagações mysteriosas !

Tinha acordado.

Levantei-me bastante impressio-
nado.

O sol estava em todo o seu brilho.

O salão concertava uma nota dul-
çurosa que despreheu apoz um tri-
nar saudoso !

Lauro.

Em 11 de agosto de 1883.

A despedida.

A aurora já desponta... O sabiã
ensaia uma canção harmoniosa, mais
doce que os labios d'iracema.

Tudo é poetico sobre a terra: a
manhã está esplendorosa.

Estellina espera o amante querido
nas visinhanças do jardim. Chora.

Eis que chega Leoncio.

Sens olhos estão ensombrados;
suas faces tremem; seu corpo lan-
gue-se. Sofre.

Estellina vai ao seu encontro. Um
abraço, um só, mas profundo como
a immensidade, sublime como o ig-
noto, é o signal da separação. Leon-
cio vai partir. Sens labios não dizem
uma palavra.

O silencio é tudo.

—O sabiã deixou de cantar e os
dois amantes separarão-se.

Na terra tudo é chimerico: a rea-
lidade não é mais do que a illusão
com outras vestes.

Pepita.

11 de agosto.

Esboços... — Biographias de estudantes.

NASCIMENTO FILHO.

Tem vint' annos. Talento mui fecundo.
Faz seus versos com graça,—docemente
Não estuda. Sua vida é ter romance
Só frequenta o liceu ss não vê lente....

RAIMUNDO ARTHUR

Escreve poesias, faz discursos
Deseja ser doutor de engenharia,
Vai para corte em outubro, com sandaes
Das pequenas que deixa em rebelia....

FABIO COSTA.

E' moço. Vinte e uma primaveras
Tez marmorea, nos labios um sorriso...
Poeta, litterato que promette;
Quer ser padre... (coitado !) mas tem sizo.

COSTA JUNIOR

Poeta como o outro. Tão sublime !
Estuda p'ra morrer o pobre moço...
O melhor folhetim do «Telephone»
E' do craneo febril deste colosso !

EMILIO BURLAMAQUE.

E' bonito (olh'a corte) e é creança....
Fecund'intelligencia inda em botão;
Redigia com gosto a «Philomela»;
Não ama...tem de gêlo o coração !

ALVARO PEREIRA.

Este moço de côr *alaranjada*
Move a penna ligeiro, com ardor,
E' poeta e amigo da verdade
Mui pacato, dançando com primor.

(*Continúa*)

Tiquira.

Ternuras e mais ternuras
Em morada nunca vi;
Por causa dessas ternuras
Toma na venta, *Lili*.
Nunca ninguém quiz contar-me
Haver campinas aqui;
Por causa dessas campinas
Toma na venta, *Lili*.
Ah ! si podesse, menino,
Eu te botava o *Cri-cri*;
Por causa da Theresina
Toma na venta, *Lili*.
Disseste que onvir abrisa
E' mesmo tomar *tiqui*;
Por causa do som da brisa
Toma na venta, *Lili*.
Papagaio, rico louro,
Saracura, bem-te-vi
Por causa de já ser tarde
Adeus, adeus, meu *Lili*
Zê canna-brava.



NOTICIAS

Jornaes.—Temos mais sobre a
nossa banca os seguintes: *Observa-*
dor, Conservador, Trabalho, Papa-
gaio, Preceptor, Baependiano, Estandarte e Cri-cri.

O ultimo é desta capital.

Tem como redactor um dos jovens
mais intelligente o nosso amigo Ju-
gurtha Couto.

Agradecemos a offerta e retribuimos com o nosso modesto *Prometheu*.

«**Brogue**» — No dia 12 do corrente, percorreo pelas ruas desta capital um immundo pasquim com este titulo. O engraçado comediante que o redige mostra ter muito conhecimento..... Segundo nos informão é redigido pelo jocoso  **Pedro Velloso** .
Miseret me tui.

Ther.—Typ. da Epoca—1883.